

**DESLIZAMENTOS FUNCIONAIS DO ITEM AGORA
A GRAMATICALIZAÇÃO EM PROCESSO¹**

Neusa Inês Philippsen (UNEMAT)
neinph@usp.br

RESUMO

Neste artigo, em que mobilizamos os dispositivos teóricos e metodológicos do Funcionalismo, da Sociolinguística e da Gramaticalização, realizamos procedimentos analíticos, no âmbito essencialmente sincrônico, para averiguar se velhas formas do item *agora* se transformam em novas funções, ou seja, *formas velhas/sentidos novos*. Para efeito de análise, verificamos e quantificamos os padrões funcionais encontrados nos enunciados do *corpus*, assim como procuramos estabelecer as relações sintáticas, semânticas, morfológicas e discursivas que se apresentaram. Aplicamos, também, como considerações reflexivas, os cinco princípios de Hopper (1991) nos resultados obtidos.

Palavras-chave: Língua em uso. Item *agora*. Deslizes funcionais.

1. Apontamentos iniciais: breves considerações funcionais e sociolinguísticas sobre a gramaticalização – domínios e possibilidades

Este trabalho de pesquisa parte dos pressupostos teóricos do funcionalismo, que conceituam a gramática, segundo Martelotta (1993, p. 80), como “um sistema de regularidades resultante das pressões do uso, e que, em consequência disto, nunca se estabiliza, caracterizando-se, ao contrário, por um constante fazer-se”. Sendo assim, a língua encontra-se em constante mudança impulsionada, essencialmente, pelas necessidades entre interlocutores em contextos específicos de comunicação.

Os estudos de Gramaticalização, a princípio, foram inaugurados por Antoine Meillet em 1912, momento em que lança a obra intitulada *L'évolution des formes grammaticales* e conceitua gramaticalização como “*the attribution a grammatical character to a previously autonomous word*” (MEILLET, 1912, p. 131, *apud* HOPPER, 1991, p. 17).

³ a atribuição de um caráter gramatical a uma palavra previamente autônoma.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A partir dessa linha de reflexão estabelecem-se parâmetros motrizes que impulsionam os estudos dessa teoria, dentre os quais se destacam que palavras de sentido pleno, tais como nomes, verbos e adjetivos, podem passar a funcionar como elementos gramaticais (preposições, advérbios e auxiliares), ou seja, “elementos lexicais se abstratizam, perdendo propriedades, para formar elementos gramaticais” (MÓDOLO, 2004, p. 87).

É importante ressaltar, nessa perspectiva de pesquisa funcional da Gramaticalização, também a interface com outra teoria do conhecimento, a Sociolinguística, visto que as mudanças acontecem no inter-relacionamento de coerções internas e externas que perpassam a língua oral, em suas manifestações escrita e falada. As motivações sociolinguísticas, nesse sentido, em sua amplitude social e externa à linguagem, contribuem pragmaticamente para a ocorrência de deslizamentos funcionais em que *velhas formas* são levadas a modificarem sentidos/funções no sistema linguístico.

De acordo com Lima-Hernandes, a conjugação de aspectos teóricos e metodológicos das áreas acima citadas torna-se importante, pois:

Enquanto os sociolinguistas concebem a mudança como um fenômeno intrínseco das línguas cuja dinamicidade tem na comunidade de fala sua grande mola de propulsão, os estudiosos da gramaticalização de-têm-se na observação de uma mudança muito específica na língua: palavras ou estruturas que passam de um estatuto menos gramatical a um estatuto mais gramatical ou de um estatuto gramatical a um mais gramatical ainda. [...] A motivação externa pode ser vinculada à intenção de criatividade/economia, uma vez que o indivíduo busca inovar por meio da fórmula “formas velhas/sentidos novos”, também orientados por leis de convivência, de idade, de regras sociais. Contudo, se a mente se manifesta por meio da linguagem, não se pode negar que o próprio sistema linguístico motiva o processo que mantém a dinamicidade intrínseca da língua. (LIMA-HERNANDES, 2005, p. 32-47)

Assim, há que se levar em consideração que tanto motivações internas quanto externas atuam conjuntamente para que a exploração de velhas formas se transforme em novas funções. Nesse processo, podemos perceber aquilo que Werner e Kaplan (1963, p. 403, *apud* Heine *et alii* 1991) denominam de *princípio cognitivo*, em que conceitos concretos são mobilizados para o entendimento, explanação e descrição de um fenômeno menos concreto.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A atuação desse princípio seria responsável, então, pela ativação de dois mecanismos envolvidos intrinsecamente no processo, a metáfora e a metonímia. Esses dois mecanismos, complementares, auxiliam a compreender como se procede, por exemplo, a mudança de um item lexical ou de uma estrutura maior em um item ou construção mais gramatical, vale lembrar que essa passagem envolve tanto aproximação sintática (cognitiva) quanto contextual (pragmática).

Para a exploração de velhas formas que se transformam em novas funções ou da utilização de formas já existentes na língua, estendendo seu uso à expressão destes conceitos novos, em que conceitos concretos são usados para descrever conceitos menos concretos e mais difíceis de serem conceptualizados, Heine *et alii* (1991, p. 49), propõe a seguinte tabela:

PESSOA > OBJETO > ATIVIDADE > ESPAÇO > TEMPO > QUALIDADE

A relação entre os elementos desta escala acontece pela aproximação de domínios cognitivos, metafóricos, o que quer dizer que, segundo os autores, qualquer um deles pode ser usado para conceptualizar qualquer categoria à sua direita. Essa noção de metáfora é definida como categorial, pois ela serve de veículo para o deslizamento entre categorias e justifica o postulado fundamental da gramaticalização, que é o da *unidirecionalidade*, ou seja, mostra que a mudança ocorre unidirecionalmente, do significado mais concreto para o mais abstrato.

2. Princípios de gramaticalização: nuances metodológicas

Para esse trabalho de pesquisa utilizamos o viés sincrônico para a realização das reflexões analíticas disponibilizadas pelos *corpora*. Traugott e Heine (1991) amparam nossa escolha ao argumentarem que o termo *gramaticalização* remete a um processo linguístico tanto diacrônico quanto sincrônico de organização categorial e de codificação. Assim, entendemos que, ainda que a ênfase dos estudos seja dada a um recorte sincrônico, não é possível excluí-lo das mudanças que se foram procedendo ao longo do tempo para que ele adquirisse o sentido/função do presente.

As considerações analíticas tecidas a seguir, amparadas em

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Heine *et alii* (1991), procurarão observar a trajetória espaço > tempo > texto para identificar os deslizamentos funcionais da palavra *agora*, agrupando-os simultaneamente por padrões funcionais e contextos de uso.

Além disso, de acordo com Hopper (1991), aplicaremos os princípios que, segundo esse autor, apresentam-se como essenciais para a realização de um estudo em Gramaticalização: estratificação (*layering*), divergência (*divergence*), especialização (*specialization*), persistência (*persistence*) e decategorização (*de-categorization*). Tais princípios poderiam identificar os diferentes momentos de um elemento que sofre gramaticalização. Esses cinco princípios são assim conceituados, respectivamente:

1. *Estratificação*: dentro de um domínio funcional, novas camadas emergem continuamente. Quando isso acontece, as camadas velhas não são necessariamente descartadas, mas podem coexistir e interagir com as camadas novas.
2. *Divergência*: quando uma forma lexical se gramaticaliza em clítico ou afixo, a forma lexical original permanece autônoma e suscetível a sofrer as mesmas mudanças que os itens lexicais comuns.
3. *Especialização*: dentro de um domínio funcional, em um estágio, é possível coexistir uma variedade de formas com diferentes nuances semânticas. Com a gramaticalização, a possibilidade de escolha diminui e um número menor de formas assume sentidos gramaticais mais gerais.
4. *Persistência*: quando uma forma sofre gramaticalização passando de lexical a gramatical, alguns traços de seu sentido lexical original tendem a continuar, e detalhes da sua história lexical podem se refletir no condicionamento da sua distribuição gramatical.
5. *Decategorização*: a gramaticalização sempre envolve a perda de categoria e prossegue na seguinte direção: nome e verbo > outra categoria, não o contrário. (HOPPER, 1991, p. 22-23, *apud* FREITAG, 2003, p. 19-20)

Tais princípios, para o autor, são gerais e aplicáveis a qualquer processo de mudança. Destacam-se por acentuar o caráter gradual da gramaticalização, pois, conforme Gonçalves *et alii* (2007, p. 79) “conferem aos elementos analisados o grau de “mais” ou “menos” gramaticalizados, não visando, portanto, verificar se eles pertencem ou não à gramática”. Dessa forma, tanto são considerados os processos de mudança que resultam em gramaticalização como os que não resultam.

3. Apontamentos analíticos iniciais: contextos de atuação dos corpora

A escolha e seleção dos *corpora* deveram-se, essencialmente, à localização geográfica em que se encontra a pesquisadora, Sinop⁴, na região norte do Estado de Mato Grosso. Para as manifestações escritas, a escolha levou em consideração o fator proximidade com a oralidade, assim, selecionamos textos enviados pela comunidade sinopense e região ao Jornal *Só Notícias*⁵, jornal *on-line*. Esses textos foram retirados da seção *Opinião*⁶.

Para as manifestações orais foram selecionados recortes de entrevistas realizadas com pais de alunos da Escola Agrovila, que se localiza no Assentamento de Reforma Agrária Gleba Mercedes V. As entrevistas são integrantes dos *corpora* obtidos pelos trabalhos realizados no Projeto *SABERES DA TERRA: dos discursos dos sujeitos sociais à multiplicidade de saberes para a (re)significação do currículo da educação do campo*⁷, que teve o seu período de execução entre fevereiro de 2007 a fevereiro de 2010.

Sobre o Assentamento de Reforma Agrária Gleba Mercedes V, destacamos que:

...encontra-se localizado a 95 km do Centro de Sinop, sentido BR 163 – 220 (estrada que dá acesso ao Assentamento), na zona rural. Está dividido em 9 (nove) núcleos, dos quais 2 (dois) já se encontram povoados, respectivamente: Núcleo Agrovila e Núcleo Campos Novos. [...] A comunidade surgiu, então, de um assentamento feito pelo Instituto Na-

4 Fundada em 14 de setembro de 1974, Sinop (Sociedade Imobiliária do Noroeste do Paraná) dista 503 km de Cuiabá, a capital do Estado, e tem uma população oficial de 99.490 habitantes (IBGE 2005). (PHILIPPSEN, 2007, p. 42)

5 O endereço eletrônico para acessar o jornal é: <http://www.sonoticias.com.br/>.

6 A leitura e seleção dos textos de opinião para a composição do *corpus* ocorreram entre os meses de abril e maio de 2010.

7 O objetivo principal deste projeto, coordenado pela Prof^a Maria de Fátima Castilho da Universidade Estadual de Mato Grosso, foi evidenciar no discurso dos sujeitos sociais, como efeitos de sentidos, a importância e as especificidades do campo pela multiplicidade de saberes, conhecimentos e experiências, que entrelaçam as práticas educativas escolares com a vida dos sujeitos para a construção social do currículo.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

cional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, oficialmente em 1997, durante o Governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), destinado a receber preferencialmente pessoas que estavam com dificuldades econômicas na zona urbana de Sinop. (PHILIPPSEN; CASTILHO, 2010, p. 3-4)

4. O item agora: velhas formas, novos sentidos/funções

Salientamos que a escolha do item *agora* se deveu à sua recorrência nos *corpora* e por compreendermos que os estudos sobre o grupo dos advérbios temporais, classificação em que o termo aparece com maior produtividade, podem ainda ser complementados.

Com relação às classificações e conceituações existentes em relação aos advérbios, destacamos que os advérbios são tradicionalmente caracterizados, do ponto de vista formal, por modificarem um verbo, um adjetivo, outro advérbio, ou todo o enunciado. Esse ponto de vista, ainda difundido pelos gramáticos tradicionais, mostra também certa preocupação com a colocação dos advérbios na sentença.

Quanto à mobilidade que os advérbios apresentam nos enunciados, Ilari e Basso (2006, p. 118) enfatizam que “a ideia é que todo advérbio tem um escopo, e a posição que o advérbio ocupa na frase pode ser importante para a identificação correta desse escopo”. Desse modo, pode-se apreender, também, que os advérbios tendem a se adaptar às intenções comunicativas envolvidas no discurso uma vez que o rótulo advérbio designa um conceito fluido. Nesse sentido, Martelotta afirma que:

Há determinados tipos de advérbios cujo uso é basicamente determinado por fatores pragmático-discursivos. E mesmo aqueles que funcionam normalmente como circunstanciadores (de tempo, de lugar, de modo, de causa, de intensidade) muitas vezes são usados para direcionar a interpretação do ouvinte, promover a organização das informações no discurso, além de outras funções pragmático-discursivas. (MARTELOTTA, 1993, p. 37)

Sobre os estudos diacrônicos do item *agora*, podemos destacar as pesquisas de Câmara Jr. (1979) que apresentam a evolução de *agora*. Para esse autor, o latim clássico apresentava a forma *nunc* que significava *neste momento*. Essa forma foi substituída, em alguns contextos, no latim vulgar, pela locução ablativa *ac hora*, e em outros somente pelo ablativo *hora*. Já no português essas duas vari-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

antes originaram, por reanálise, respectivamente, *agora* e *hora*.

Para Martelotta e Votre (1998), o vocábulo *agora* revela na sua etimologia certa origem espacial, todavia já no português arcaico funcionava como *circunstanciador temporal*. De acordo com esses autores, as noções de espaço e tempo tendem a se confundir em determinados contextos. Sobre isso e em consonância com a nossa proposta de pesquisa, Duque diz-nos o seguinte:

Admitindo-se que a origem do elemento **agora** remonte à noção de espaço, inclusa no pronome demonstrativo *hac*, poder-se-ia afirmar que o item em estudo vem cumprindo a trajetória espaço > tempo > texto, proposta por Heine *et alii* (1991). Essa trajetória, por si só, deve ser considerada um indício de que o elemento **agora** vem se gramaticalizando, desde a sua formação da locução latina *hac hora*. (DUQUE, 2009, p. 943-944)

Para o nosso âmbito sincrônico de estudos e para averiguar se velhas formas do item *agora* se transformaram em novas funções, *formas velhas/sentidos novos*, para efeito de análise, verificaremos e quantificaremos, a seguir, os padrões funcionais encontrados nos enunciados do *corpus*, assim como as relações sintáticas, semânticas, morfológicas e discursivas que se apresentarem.

5. *Considerações analíticas: resultados*

Sintetizamos abaixo o *corpus* selecionado e delimitado para esse trabalho de pesquisa. Salientamos que o mesmo representa apenas uma ínfima parcela de contribuição para a amplitude de possibilidades de estudos da área.

Fragmentos das entrevistas com pais de alunos da Escola Agrovila	Fragmentos dos textos de opinião – Jornal <i>Só Notícias</i>
1ª) Sem energia não fazia, agora com a chegada da energia é uma animação no assentamento inteiro. E o problema do IBAMA tá comunicando a situação do meio ambiente é um problema, e agora que chegou à hora deles estar com uma Toyota pra fazer um trabalho do fogo não tem ninguém, ele chega faz uma reunião com nós, palestra, falatório, e na hora do fogo que a	1b) Agora , tenta emergir no mundo jurídico, a responsabilização daquele genitor que simplesmente abandona seu filho menor, limitando-se, quando muito, a pagar as verbas alimentares arbitradas em processo de separação, divórcio ou união estável. Título do texto: <i>A imposição da obrigação paternal</i> Data: 06 de Maio de 2010 Autor: José Wilzem Macota

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

<p>fumaça tá atacando, que isso é fogo criminoso, que queima gado, cerca, arame, pasto, e faz um limpo, eles não estão dando assistência. (i) agora com (ii) agora que</p>	
<p>2ª) É o seguinte, o problema dessa associação aqui é a má organização...as autoridades competentes lá em cima também apoia as associações, agora pra isso acontecer tá precisando organizar, tá desorganizada, mas a gente tá tocando devagar, pra entreter o tempo dessa organização.</p>	<p>2b) Prontos-socorros mantêm pacientes “internados” nos corredores, enfermeiros são obrigados a decidir quem vive e quem morre porque faltam equipamentos para atender a todos, unidades primárias de saúde não funcionam, etc. É uma vergonhosa realidade que, pelo menos até agora, ninguém parece interessado em modificar. Título do texto: <i>A crônica falta de médicos</i> Data: 06 de Maio de 2010 Autor: Dirceu Cardoso Gonçalves</p>
<p>3ª) Nós filmamos no rio, aí eu cheguei em casa e falei “agora vocês vão ver o professor da Gleba, e o que é ser professor da Gleba”, era quinta feira de tarde passei lá na TV, eu estava tomando banho no rio Teles Pires, com uma vara de pescar muito sossegado, as cachoeiras tudo tranquilo...</p>	<p>3b) Não param, de uns tempos para cá, os comentários sobre os seguidos acontecimentos no estado. Operação Pacenas, crise no Judiciário e agora o tal superfaturamento nas máquinas. Título do texto: <i>Superfaturamento e a rua</i> Data: 04 de Maio de 2010 Autor: Alfredo da Mota Menezes</p>
<p>4ª) Eu acho que a prefeitura não tem esse projeto diferenciado pra nós, no caso não dá certo trazer a urbana pra dentro do sítio com qualidade superior, porque os nossos professores agora que estão fazendo faculdade, então começa o ano eles não sabem se vão ser contratados ou não.</p>	<p>4b) Outro comentário é que o governo fez boa divulgação pelos meios de comunicação da entrega das máquinas aos prefeitos. Uma divulgação que chegou à população. Agora, com o caso do superfaturamento, o povo lembra rápido da distribuição das máquinas. Título do texto: <i>Superfaturamento e a rua</i> Data: 04 de Maio de 2010 Autor: Alfredo da Mota Menezes</p>
<p>5ª) O professor de Navirai/MS ele é formado em Letras, então a parte de linguagens é dele, o outro professor de Sinop ele é de Pedagogia, ele é formado, agora o Gilson que mora com a irmã dele, esse tem só o Ensino Médio, ele pretende iniciar agora, mas ele pegou as matérias mais complicadas Exatas. (i) agora o (ii) iniciar agora</p>	<p>5b) Em MT, no caso da Funasa com gente do PMDB e agora das máquinas, tomaram-se as mesmas medidas tomadas em Brasília. Título do texto: <i>Superfaturamento e a rua</i> Data: 04 de Maio de 2010 Autor: Alfredo da Mota Menezes</p>
<p>6ª) O presidente ele tem vontade de fazer as coisas, mas ele é desatuali-</p>	<p>6b) Fazem-se também paralelos entre o inferno astral que passa a candidatura Silval Barbosa</p>

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

<p>zado dentro do trabalho e fica um pouco pra trás a nossa associação , atrasada devido a isso, mas a comunidade apoia, o assentamento apoia as associações, a Agrovila também apoia, agora pra isso acontecer tá precisando organizar.</p>	<p>com o que passou antes o Wilson Santos com a Operação Pacenas, greve dos médicos e o caso Conspavi-ETA Tijucal. Agora seria a vez do Silval com a demissão de Kamil Fares da Saúde, área escolhida como prioridade eleitoral no Vale do Rio Cuiabá. Título do texto: <i>Superfaturamento e a rua</i> Data: 04 de Maio de 2010 Autor: Alfredo da Mota Menezes</p>
<p>7ª) A área aqui da Agrovila que pertence ao município e assentamento da reforma agrária, todo esse tipo de assunto pertence ao presidente da associação, agora aqui nós estamos dividido 50% mexendo com as atuações de imediato porque 100% não redonda, não dá, não existem, porque falta mais posição, pra trabalho, organização, ajuda do próprio povo de fora.</p>	<p>7b) Era o fim de um longo tabu onde o verme-lhinho de Rondonópolis bateu na porta nove vezes. Agora o União pode gritar para todos que é Campeão Mato-grossense de 2010. Título do texto: <i>União é Campeão!</i> Data: 29 de Abril de 2010 Autor: Valtenir Pereira</p>
	<p>b) A partir de agora, movido pela fé, que sempre tive, na força das ideias que mobilizam a sociedade em torno de iniciativas generosas, efetivamente democráticas, vou percorrer Mato Grosso para levar, com meus companheiros de caminhada política, a mensagem de que, sim, é possível – tanto quanto inadiável – governar para todos os mato-grossenses. Título do texto: <i>Compromisso com o futuro</i> Data: 21 de Abril de 2010 Autor: Wilson Santos</p>
	<p>b) Estar comprometido com suas decisões, exige esforço para sair do comodismo e aceitar cada mudança como uma oportunidade. Significa entender, que toda ação tem uma reação, que pode contribuir para a contínua construção da sua trajetória de sucesso profissional. Agora responda: Você está comprometido com suas decisões? Título do texto: <i>Você é comprometido com suas decisões?</i> Data: 20 de Abril de 2010 Autor: Dalmir Sant’Anna</p>
	<p>10) Portanto, a conclusão que se chega é que com a mudança da legislação e, agora da jurisprudência, se extingue uma antiga injustiça. Título do texto: <i>Clínicas médicas e a possibilidade de recuperação tributária</i></p>

Optamos por trabalhar com as duas modalidades da língua, oral e escrita, por compreendermos a importância de se verificar se há ou não deslizamentos funcionais em ambas as modalidades e as relações que as constituem, sem deixar de lembrar o fato de que o contexto da oralidade manifesta-se de forma mais espontânea que a escrita. Contudo, partimos do princípio que o processo de mudança pode ser deflagrado em qualquer modalidade da língua.

Inicialmente, separamos todos os itens *agora* por padrões funcionais e encontramos os seguintes resultados:

Funções do item <i>agora</i> localizadas nos corpora	Nº de ocorrências
Função dêitica em 1ª(ii), 3ª, 5ª(ii), 2b, 8.	5
Conector de sequencialização em 3b, 4b, 5b e 10.	4
Conector de contrajunção em 1ª(i), 2ª, 5ª(i) e 6ª.	4
Conector de causalidade em 7b.	1
Perífrase conjuncional causal/explicativa em 4ª.	1
Marcador discursivo em 7ª, 1b, 6b, 9.	4

Esses resultados, vistos a partir da abordagem com categorias prototípicas, ou seja, categorias que se fundem gradualmente em outras, mostram uma movimentação de membros de uma categoria para outra. De acordo com Rodrigues:

Em relação à classe gramatical dos advérbios de tempo, esta é classificada nos compêndios tradicionais como um grupo de palavras que modifica o verbo, o adjetivo ou o próprio advérbio, além de serem palavras invariáveis e circunstanciadoras que possuem mobilidade nos enunciados em que estão inseridas. Seria possível dizer que tais características constituem os traços [+ prototípicos], ou seja, traços básicos de todas as palavras que se situam nessa classe. Tais traços poderiam ser estabelecidos, então, da seguinte forma: [+ escopo verbal] e [+ mobilidade]. Em se tratando dos advérbios temporais, objeto de estudo desta pesquisa, acrescentar-se-ia, ainda, o traço [+ referência temporal]. (RODRIGUES, 2009, p. 39)

Podemos então dizer que em nossos resultados sobre o item *agora* encontramos traços [+ prototípicos], isto é, mais próximos da classificação advérbio-temporal tradicional, em que se permite mobilidade de colocação na frase e a referência temporal presente é localizável, e [- prototípicos], nos quais há maior fixidez de colocação e indícios de deslizamento de categorias, tais como conexão e marca-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ção discursiva. Destacamos, assim, que nosso *corpus* apresenta 10 (dez) ocorrências de *agora* que exercem a função de conector, em 3b, 4b, 5b, 10, 1^a(i), 2^a, 5^a(i), 6^a, 7b e 4^a, traço este prototípico das conjunções.

Com relação a essa movimentação prototípica, tal como aos marcadores discursivos que localizamos, podemos dizer, conforme Ilari, que o item *agora* passa por um esvaziamento de sua função temporal e assume funções mais discursivas:

Não nos causa estranheza encontrar em funções discursivas precisamente os elementos dêitico-anafóricos. Entre a dêixis propriamente dita, e anáfora, e entre a anáfora e operações discursivas há um progressivo esvaziamento da dimensão espaço-temporal, na medida em que o discurso se torna a dimensão de referência. À sequência e referência espaço-temporal se substituem assim outras séries, que incluem a continuidade temática, a continuidade de tópico e a continuidade e ordenação de argumentação. (ILARI, 1990, p. 83)

Apresentaremos, a seguir, de forma concisa as considerações analíticas relacionadas aos padrões funcionais que localizamos no *corpus*.

5.1. Função dêitica

Nas cinco ocorrências com função dêitica que encontramos (1^a(ii), 3^a, 5^a(ii), 2b e 8), constatamos que os traços apresentam-se de maneira [+ prototípica], ou seja, permitem mobilidade de colocação na frase e a localização de referência temporal de momento presente, com apenas um exemplo de ampliação da referência temporal para futuro, em 5^a(ii). Em 3^a o sujeito pai e professor ao proferir *agora vocês vão ver o professor da Gleba* remete àquilo que Martelotta e Votre (1998) chamam de *contexto de confusão* entre as noções de tempo e espaço. Nessa passagem, tanto é possível apreender a referência temporal presente, quanto à dêixis espacial aqui na Gleba, confusão, segundo esses autores, gerada pelo movimento da atividade verbal.

Dessa forma, encontramos em quatro exemplos (1^a(ii), 5^a(ii), 2b e 8) a categoria morfológica advérbio de tempo e em 3^a a possibilidade de situá-lo entre tempo (advérbio) e espaço (locativo). Assim, o efeito semântico-discursivo que se apresenta em todas as exempli-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ficações é o que direciona a interpretação do interlocutor à referência temporal do momento presente nos enunciados, excetuando-se a ocorrência 5^a(ii), em que se amplia o uso temporal presente para a referência futura, o que já pode ser um indício do processo de gramaticalização.

Com relação à colocação dos itens nas ocorrências, encontramos: iniciadores de período (1^a(ii) e 3^a), pós-verbal (5^a(ii)), pós-preposição (2b) e pós-locação prepositiva (8). Observamos aqui que a mobilidade do item *agora*, nas duas últimas ocorrências acima descritas, só pode acontecer com o deslocamento também dos elementos que a antecedem.

Concluimos que, em quatro dessas cinco ocorrências descritas, prevalecem as velhas formas, em consonância com os tradicionais preceitos gramaticais.

5.2. Funções de conexão

Encontramos no *corpus*, como já dito, 10 (dez) ocorrências de *agora* que exercem a função de conector, em 3b, 4b, 5b, 10, 1^a(i), 2^a, 5^a(i), 6^a, 7b e 4^a, ainda que essa função não seja explícita em todas as exemplificações, pois nem todas oferecem valor semântico que as sustentem. Rodrigues (2009: p.43) conceitua conectores como “grupo de recursos voltados para a conexão de ideias no enunciado que, equivalendo às tradicionais conjunções, exerce como estas, função causal, adversativa, aditiva e/ou conclusiva”.

A discussão sobre esse deslize funcional *advérbio* > *conjunção* não é recente e vem sendo objeto de estudo há muito pelos estudiosos de linguagem. Tal como podemos constatar em Almeida:

É *simples* o advérbio que só tem função de advérbio (hoje, amanhã, sim, não, muito, pouco, sempre, nunca, etc.) e *conjuntivo* o advérbio que, além de funcionar na oração como advérbio, funciona também como conjunção: quando, onde, como, enquanto, etc. [...] *Agora* é forma derivada da locução latina *hac hora* (= nesta hora), e *hora* da palavra latina *hora*. [...] é também advérbio, que não raro funciona como conjunção. (ALMEIDA, 1957, p. 261-263)

Sobre essas ocorrências com funções de conexão, optamos por separá-las de acordo com a ideia que estabelecem na relação en-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

tre termos ou orações. Salientamos que, em todos os casos retratados, os traços apresentam-se de maneira [- prototípica], pois não permitem mobilidade de colocação na frase, por isso fazem referência a todo o enunciado e não se limitam a elementos pré-definidos, e a referência temporal presente não é claramente localizável.

Da mesma forma, com relação às categorias morfológicas encontradas em todas as exemplificações podemos afirmar que, conforme Pezatti:

As conjunções são geralmente expressões que deslizaram de um estatuto de advérbio para o de conjunção. Seu valor de origem perdura na mobilidade de que são dotadas, mais caracterizadora do advérbio. [...] Como termos híbridos, participam da natureza do advérbio e da natureza da conjunção: exprimem circunstâncias várias, mas comportam-se como elementos de coesão, a caminho de cristalizarem-se, ou, preferencialmente, gramaticalizarem-se como conjunções coordenativas. É fundamental percebermos que esse valor coesivo advém de seu caráter anafórico, explícito ou implícito. (PEZATTI, 2001, p. 84)

Sendo assim, temos, nas ocorrências de nosso *corpus*, a movimentação de categorias gramaticais, implícitas e explícitas, conforme identificaremos abaixo, bem como a constatação de que as velhas formas revestem-se de uma nova roupagem, ou seja, uma nova função. É o processo de gramaticalização na sua mais viva expressão.

- **conector de sequencialização:** localizados em 3b, 4b, 5b e 10. Acrescentamos aqui ao traço acima descrito como [- prototípico] o traço de [+ sequencializador]. Como já dito, as formas que se apresentam nesses exemplos são fixas e fazem referência a todo o enunciado, por isso não iremos nos ater em descrever suas colocações. O valor semântico possibilita como paráfrases as expressões *também* (3b, 5b e 10) e *já* (4b), ambas com valores adverbiais, todavia, deslocados do sentido da forma-origem. O efeito discursivo pretendido com o uso de conectores de sequencialização é direcionar o interlocutor para a sequência dos acontecimentos, visto que tais conectores marcam a sequência do discurso e a adição de fatos que propiciam a interpretação da continuidade do texto.
- **conector de contração:** encontrados em 1^a(i), 2^a, 5^a(i) e 6^a. Lembramos que a conectividade gramatical apresenta tra-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ços [- prototípicos] por ser mais fixa e por se relacionar com o todo textual. Para esses conectores acrescentamos o traço de [+ opositor]. Quanto aos valores semânticos, a paráfrase enfatizada pela expressão adversativa *mas* é possível em todas as ocorrências. O efeito discursivo pretendido é mostrar ao interlocutor a oposição de ideias entre segmentos textuais. Constatamos que essa conexão é a mais evidente de todas as exemplificações, o que representa um alto grau de gramaticalização.

- **conector de causalidade /perífrase conjuncional causal/explicativa:** ocorrências em 7b e 4^a. Os traços [- prototípicos], assim como dos demais conectores aqui analisados, apresentam menor mobilidade na estrutura frasal e se relacionam com o todo textual. Para esses conectores acrescentamos o traço de [+ causal]. A expressão de valor semântico que pode ser parafraçada para o exemplo 7b é *de modo que*, que, mesmo integrando a classificação das conjunções, funde-se com a função modal que a originou e parece deslocar-se da função causal/explicativa, todavia, especificamente no exemplo 7b, a causa/explicação sobressai-se na relação entre enunciados, como podemos perceber no fragmento: pois, por ser “o fim de um longo tabu” é que “o União poder gritar para todos que é campeão Mato-grossense em 2010”. No exemplo 4^a a possibilidade de paráfrase é ainda mais contundente, visto que o item *agora* poderia ser substituído por *neste momento*, o que o colocaria na função dêitica, porém, a perífrase *agora que* se transforma numa locução conjuntiva que expressa a relação causal-explicativa, e que explica, na relação entre sentenças, o porquê os professores “agora que estão fazendo faculdade”. O efeito discursivo evidencia a crença do falante a respeito do que é dito e a explicitação causal e explicativa que ele atribui aos fatos nessa interlocução.

5.3. Função marcador discursivo

Como vimos na exposição analítica dos conectores, há perda da clareza semântica das construções que estão passando por gramaticalização, o que, contudo, leva à ampliação do seu contexto de uso. Esse processo em gramaticalização é chamado de *esbranqueamento semântico* ou *generalização*, por meio do qual características específicas do sentido vão sendo perdidas.

O mesmo fato também ocorre com os marcadores discursivos, aqui utilizados com a mesma acepção de operadores discursivos ou argumentativos. De acordo com Silva e Macedo (1989, p. 18), estes elementos estão basicamente envolvidos em três macrofunções: a organização do discurso, a interação dialógica e a ligação entre segmentos do discurso.

Martelotta traz os seguintes exemplos de operadores argumentativos:

termos como por outro lado, em todo caso, aliás, embora, todavia, entretanto, aí, logo, então, depois, ainda, já, etc. Dentre estes elementos, interessam para este trabalho apenas aqueles que, além da sua função argumentativa, apresentam marca temporal pelo menos em alguns de seus usos atuais em língua portuguesa: aí, logo, depois, então, ainda e já. [...] Além destes elementos, existem outros que, com a evolução da língua, deixaram de ser circunstanciadores para assumir definitivamente função argumentativa, como é o caso de *embora*, *todavia* e outros. Esta é a razão do problema que surge quando se tem de decidir se determinados elementos, como por exemplo, *depois* ou *então* devem ser classificados como advérbios ou conjunções. (MARTELOTTA, 1993, p. 43)

Acrescemos ao problema suscitado por Martelotta sobre a dificuldade de classificação dos itens *depois* e *então* como advérbios ou conjunções o item *agora*, que se encontra nesse mesmo processo de (in)definição. Contudo, é necessário destacar que o processo de gramaticalização que há muito vem se operando transforma os circunstanciadores em operadores argumentativos e faz com que os elementos percam os traços semântico-gramaticais que os organizam dentro da estrutura do discurso em que ocorrem, para assumir funções discursivas mais direcionadas. É exatamente essa perda de traços semântico-gramaticais, que regulam a colocação na sentença, que leva estes elementos a modificarem sua mobilidade original, para assumir posições mais fixas.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Portanto, tal qual acontece com os conectores, há fixidez dos termos nas orações, que se relacionam com o todo discursivo. As categorias morfológicas passam então a ser regidas por critérios discursivos, visto que ficam condicionadas à organização do discurso, à interação dialógica e à ligação entre segmentos do discurso.

Nestas quatro ocorrências de nosso *corpus* (7^a, 1b, 6b e 9), encontramos a seguinte subclassificação:

- indicação de alteração entre tópico e subtópico (7^a, 6b e 9);
- abertura e desenvolvimento de tópico (1b).

Como podemos verificar nessas ocorrências, a articulação intratópica é central como atividade de mobilização discursiva. Essa articulação relaciona-se com o assumir funções argumentativas referentes à organização lógica das ideias ou às estratégias para direcionar a interpretação do ouvinte. Assim, para as velhas formas e para as novas funções crescem-se novos efeitos sintático-pragmáticos.

6. Breves incursões em Hopper: considerações conclusivas

Para concluir nossas reflexões analíticas sobre os resultados que encontramos no *corpus* resta-nos refletir, muito brevemente, sobre os princípios de Hopper (1991) já apresentados anteriormente nesse artigo.

Quanto à *Estratificação* é imprescindível recorrermos aos dados diacrônicos, concisamente expostos acima, para nos situarmos nesse princípio, pois as novas camadas não emergem de um momento para outra, mas ao longo do tempo. Assim, a forma *nunc*, que significava *neste momento* no latim clássico, foi substituída, em alguns contextos, no latim vulgar, pela locução ablativa *ac hora*, e em outros somente pelo ablativo *hora*. Percebemos, nessa passagem, que as camadas velhas não são necessariamente descartadas, mas podem coexistir e interagir com as camadas novas. Isso também vale para as relações semânticas, visto que já no latim clássico a acepção de *nunc* remetia ao sentido *neste momento*, tal como permanece ainda hoje para o advérbio de tempo *agora*.

A *Divergência* pode explicar a divisão ocorrida na locução

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ablativa *ac hora*, que provavelmente aconteceu por causa da confusão espaço-temporal originada pelo demonstrativo *hac*, o que levou à redefinição dos termos e por reanálise no português essas duas variantes originaram *agora* e *hora*, suscetíveis, como vimos sobre o item *agora*, a sofrerem novas mudanças.

A *Especialização* aparece contemplada neste trabalho de pesquisa a partir dos exemplos que demonstram diferentes nuances gramático-semânticas. Dentre eles, destacamos as ocorrências analisadas nas funções de conexão, as quais demonstraram que com a gramaticalização a possibilidade de escolha diminui e um número menor de formas assume sentidos gramaticais mais gerais. Vale lembrar que as exemplificações com conectores de contração em (1^a(i), 2^a, 5^a(i) e 6^a) foram os que representaram o maior grau de gramaticalização, portanto maior fixidez.

Com relação à *Persistência*, destacamos o exemplo 3^a em que há marcação de tempo e de espaço, o que remonte à antiga noção de espaço inclusa no pronome demonstrativo *hac*, na forma latina, ou seja, um de seus sentidos originais, assim como é possível inferir a noção advérbio-temporal no movimento funcional que aparece em via de gramaticalização, nos conectores e marcadores.

A *Decategorização*, mais especificamente, pode ser verificada na perda da categoria adverbial para a conjuncional, como mostramos nas análises acima.

Sobre a distinção entre língua falada e língua escrita, percebemos algumas tendências que podem não necessariamente ser generalizadas visto a limitação do *corpus*, todavia, vale destacar que os conectores de sequencialização só aparecem na língua escrita, o que pode representar a preocupação dessa modalidade com as escolhas coesivas voltadas para a conexão de ideias nos enunciados, e que na linguagem informal e descuidada apresenta menor preocupação.

Por outro lado, os conectores de contração são encontrados apenas na língua falada, o que pode demonstrar que essa gramaticalização está ocorrendo essencialmente nessa modalidade, enquanto na escrita continua-se utilizando a conjunção adversativa *mas* ou recursos similares. Tal preocupação com as exigências formais, todavia, contradiz-se com o alto índice de utilização de marcadores dis-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

cursivos na língua escrita em detrimento da língua falada.

Podemos, também, afirmar que as funções dêiticas, ou seja, as velhas formas continuam sendo utilizadas lado a lado com as novas formas.

Nesse âmbito sincrônico de estudos, no qual averiguamos se velhas formas do item *agora* se transformam em novas funções, *formas velhas/sentidos novos*, compreendemos, a partir dos resultados apresentados, que não só os deslizos funcionais se apresentam num *continuum* dos usos da língua, mas também que os efeitos sintático-pragmáticos são mobilizados num processo permanente de gramaticalização, processo esse que, por trabalhar com a língua viva, precisa estar sempre se atualizando. Então, não podemos parar...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 17. ed. São Paulo: Saraiva, 1957.

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

DUQUE, Paulo Henrique. *O processo de gramaticalização do item agora*. Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04. Rio de Janeiro: CiFE-FiL, 2009, p. 943-956.

FREITAG, Raquel M. K. *Gramaticalização e variação de acho (que) e parece (que) na fala de Florianópolis*. Dissertação de Mestrado. Curso de Pós-Graduação em Linguística da UFSC, 2003.

GONÇALVES, S. C. L. *et al.* *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola, 2007.

HEINE, Bernd, CLAUDI, Ulrike e HUNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P. J. On Some Principles of Grammaticization. In: TRAUGOTT, E.C., HEINE, B. (Orgs.). *Approches to Grammaticalization*. Vol. 1: focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

ILARI Rodolfo. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, Ataliba T. de (Org.). *Gramática do português falado*, v. II. Campinas: UNICAMP, 1990.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.

LIMA-HERNANDES, M. C. P. *A interface sociolinguística/gramaticalização: estratificação de usos de tipo, feito, igual e como: sincronia e diacronia*. Tese de doutorado. UNICAMP, Campinas, 2005.

MARTELOTA, Mário Eduardo T. *Os circunstanciadores temporais e sua ordenação: uma visão funcional*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRG, Rio de Janeiro, 1993.

MARTELOTTA, Mario E.; VOTRE, S. *Trajetória da gramaticalização e discursivização*. Rio de Janeiro: 1998 [mimeo.].

MÓDOLO, M. *Gramaticalização das conjunções correlatas no português*. Tese de doutorado. FFLCH/USP, São Paulo, 2004.

PEZATTI, Erotildde Goreti. O advérbio então já se gramaticalizou como conjunção? *D.E.L.T.A.*, vol. 17, 2001, p. 81-95.

PHILIPPSEN, Neusa Inês. *Mídia impressa e heterogeneidade: polémicas da esfera da atividade extrativa madeireira no espaço discursivo-enunciativo da Amazônia Legal*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Linguagens-IL da UFMT, Cuiabá, 2007.

PHILIPPSEN, Neusa Inês; CASTILHO, Maria de Fátima. *Escola, discurso e multiplicidade de saberes: a importância do segmento pais/comunidade para a (re)significação do currículo da educação do campo*. 2010, no prelo.

RODRIGUES, Fernanda C. D. *Padrões de uso e gramaticalização de agora e então*. Tese de doutorado. Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2009.

SILVA, Gisele Machline de Oliveira e; MACEDO, Alzira Verthein Tavares de. *Análise sociolinguística de alguns marcadores conversacionais*. (mimeo.). Rio de Janeiro, UFRJ, 1989.

TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Orgs.). *Approaches to Grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamim, 1991.